

“A PITORESCA PARNAÍBA SOCIAL E TURÍSTICA”: NATUREZA E TURISMO NA IMPRENSA DO LITORAL PIAUIENSE (1973-1985)

Flora Maria Serejo Neves Ribeiro¹
Pedro Vagner Silva Oliveira²

Resumo

O presente texto objetiva analisar as concepções que a imprensa da cidade de Parnaíba-PI tinha entre 1973 e 1985 sobre paisagem da praia de Pedra do Sal. Os periódicos que circulavam entre o aludido período, pouco mencionavam os pescadores que lá moravam e trabalhavam. Por outro lado, a natureza protagonizava várias matérias, editoriais e manchetes dos mesmos jornais. Os discursos sobre a natureza foram veiculados nesses impressos parnaibanos no início da década de 1970 e ecoados até a primeira metade da seguinte. Com o intuito de analisar as concepções sobre a praia nos periódicos, fazem parte do nosso *corpus* documental, exemplares dos jornais que circulavam em Parnaíba e que se encontram acessíveis e preservados, sendo eles: *Folha do Litoral*, *Norte do Piauí*, *Inovação de Parnaíba* e *A Libertação*.

Palavras-chaves: Parnaíba. Natureza. Turismo. Imprensa.

Recebido em 11 de março de 2017 e aprovado para publicação em 26 de maio de 2018

¹ Aluna do Programa de Pós-Graduação em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Correio eletrônico: floraserejo@gmail.com.

² Mestre em História pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Correio eletrônico: pedro_w@rocketmail.com.

Introdução

Ao pesquisarmos em periódicos que circularam entre 1973 a 1985 em Parnaíba, no Piauí, achamos poucas matérias, crônicas, editoriais, poesias, charges e/ou notas que abordassem sobre os modos de vida de Pedra do Sal, vila de pescadores que dista cerca de 18 quilômetros da sede do município. Ao passo que os jornais pouco levavam em consideração os pescadores, por sua vez, a praia de Pedra do Sal, moradia destes trabalhadores, aparecia com maior frequência nos periódicos.

Deste modo, um material bastante significativo foi encontrado nas fontes hemerográficas que enalteciam a paisagem praiana. A natureza foi retratada em várias matérias, editoriais e manchetes dos periódicos parnaibanos. Tendo em vista que o jornal é um espaço de debate, escolhas e mesmo militância políticas, visamos neste texto, analisar as concepções da imprensa parnaibana entre 1973 e 1985 sobre a paisagem da praia de Pedra do Sal.

Dentre os debates da imprensa, a natureza era tema recorrente. Ponto em comum nos jornais circulados nos idos de 1973 a 1985, as belezas de Pedra do Sal eram concordância - um discurso falado no início da década de 1970 e ecoado até a primeira metade da seguinte. Por qual razão? É sobre tal questão que apresentamos nosso debate.

O *corpus* documental utilizado para tecer este trabalho são quatro jornais que circulavam em Parnaíba no período em questão e que se encontravam preservados e acessíveis. São eles, *Folha do Litoral*³, *Norte do Piauí*⁴, *Jornal Inovação*⁵ e *A Libertação*⁶. Antes de iniciarmos a discussão, frisamos que tal *corpus* documental é lacunar. Parnaíba atualmente sofre com o “esquecimento”. A falta de arquivos públicos e a inexistência de políticas de salvaguarda documental locais, são alguns dos problemas enfrentados pelos que se interessam pelo assunto.

³ Fundado em 1960 por João Batista Ferreira da Silva, homem ligado ao Movimento Democrático Brasileiro – MDB, periódico simples, com poucas imagens – sendo a maioria destas anúncios e fotos – contavam com uma média de 6 páginas por edição. O *Folha do Litoral*, além dos colaboradores em Parnaíba, tinha correspondentes no Rio de Janeiro e em Fortaleza. A cada três dias esse jornal circulava entre seus leitores uma nova edição.

⁴ Matutino fundado em 1963 por Mario Meireles. Na segunda metade da década de 1970 era propriedade de um vereador ligado à Aliança Renovadora Nacional-ARENA e redigido por outro ligado ao Movimento Democrático Brasileiro-MDB.

⁵ Fundado em 1977 pelos jovens parnaibanos Francisco José Ribeiro e Reginaldo Ferreira da Costa, possuía a tiragem de 1000 edições mimeografadas e circulava mensalmente, sobrevivendo por cerca de 10 anos. Mimeografado inicialmente, apenas na edição de 30 de novembro de 1983, o *Inovação* começou a circular em off-set, sendo o primeiro jornal de Parnaíba a ser impresso nesse tipo.

⁶ Fundado em 1983 e dirigido pelo jornalista Batista Leão, ex-dirigente do *Folha do Litoral*. O jornal *A Libertação* circulava duas vezes por semana, inicialmente foi impresso nas quartas e quintas, mudando em 1975 para as quartas-feiras e sábados. Suas edições continham em média 6 páginas, oscilando em edições comemorativas e segundo informações encontrada no próprio jornal, possuía representantes em todas as capitais do país.

1. Parnaíba e Pedra do Sal

Localizada no extremo norte piauiense, a cerca de 350 quilômetros da capital, Teresina, Parnaíba, na década de 1970, “apresentava-se como uma das principais cidades do Estado”⁷. Nos periódicos da época, a cidade era considerada ainda como importante polo regional que atraía habitantes do litoral do Piauí e de estados vizinhos, Maranhão e Ceará.

Nos idos de 1973, seu perímetro era maior do que o atual⁸ e os jornais tratavam Parnaíba como essencialmente urbana. Observa-se nas fontes hemerográfica que a cidade, de certo modo, “imperava” sobre a zona rural⁹. Isso se dá possivelmente pela identidade urbana que os jornalistas tinham sobre sua cidade. Para Sandra Jatahy Pesavento, as “cidades pressupõem a construção de um *ethos*, o que implica a atribuição de valores para aquilo que convencionou chamar de *urbano*”¹⁰. Ainda segundo a historiadora, “uma cidade se individualiza com relação às outras, ela personifica atitudes e modos de existir, dos homens e do meio ambiente, transformando-se no tempo, alterando a superfície do seu espaço”¹¹. Observa-se tal distinção nos periódicos da época.

Os jornais investigados lembravam seus leitores do que a cidade fora no pretérito, este não tão distante. As décadas de 1930 até 1950 viveram o auge da economia parnaibana. Neste período, segundo Mary Angélica Tourinho, a cidade teve um crescimento urbano oriundo “do incremento econômico local, alavancado pelo crescimento das exportações dos produtos regionais, sendo a cera de carnaúba o principal produto, dentre outros”¹². A crise das exportações nos anos 1950 acarretaria na quebra da economia parnaibana - este marco temporal, influenciará a memória da cidade na década de 1970 e 80.

Esta breve regressão importa para entendermos os usos e os significados que o passado áureo vivenciado entre 1930 a 1950 tiveram para o período estudado: os anos que vão de 1970 a 1980. Em 1973, o *Folha do Litoral*, afirmou que “a Parnaíba de ontem era a

⁷ MENDES, Sérgio Luiz da Silva. *Sem medir as palavras*: atuações do Jornal Inovação em Parnaíba – PI (1977-1982). Dissertação de mestrado em História. Teresina: UFPI, 2012, p. 53.

⁸ Segundo o *Folha do Litoral*, o município de Parnaíba no período em questão tinha a área de 934 km². Conf. *Folha do Litoral*, 23 de ago. 1975, p. 4. Atualmente o município tem 436 km² de área.

⁹ A “cidade” era ímã das regiões mais ruralizadas do município. Cito uma passagem que ilustra a “subordinação” da parte menos urbana sobre a mais urbanizada: “sabemos dos sacrifícios por que passam os produtores da Ilha, dos Morros da Mariana e da Pedra do Sal, para trazerem até nós, o produto do seu trabalho, conseguido, só Deus sabe, com quanto esforço”. A ponte In: *Folha do Litoral*. 24 de out. 1973, p. 1. Nessa relação de dependência, da Parnaíba continental como consumidora dos produtos oriundo da Parnaíba insular é que a cidade na imprensa imperava ou se sobrepujava sobre o campo.

¹⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. ABERTURA: CIDADES VISÍVEIS, CIDADES SENSÍVEIS, CIDADES IMAGINÁRIAS. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 27, n^o53. 2007, p. 14.

¹¹ *Ibidem*, p. 17.

¹² TOURINHO, Mary Angelica Costa. *Por dentro da história*: mulheres operosas no mundo do comércio em Parnaíba (1930 a 1950). Tese de doutorado em História. Assis: Unesp, 2015, p. 15.

liderança comercial, social e esportiva, o pioneirismo radiofônico e a merecida colocação entre as principais cidades do Nordeste”¹³. O termo “ontem”, refere-se ao apogeu econômico parnaibano no começo do século XX.

As fontes elucidam forte apego ao passado, nostalgia que parece ter contagiado os habitantes de Parnaíba dos anos 1970-80¹⁴. Maria Dalva Fontenele Cerqueira afirma que entre 1960 e 1980, “fez emergir no âmbito popular um discurso nostálgico entre os parnaibanos opostos à época áurea que apresenta Parnaíba como ‘cidade do já teve’”¹⁵. Compreendemos que existem outras questões para além da crítica e da afirmação do que a cidade fora outrora. O apego ao passado, a nostalgia sentida nos anos 1970-1980, não teria apenas o caráter de sublinhar o pretérito e contrastar com o presente, mas também, dar sentido a este último.

Se concordarmos com Pesavento quando ela afirmou que no “processo imaginário de construção de espaço-tempo, na invenção de um passado e de um futuro, a cidade está sempre a explicar o seu presente”¹⁶, entendemos que esta questão de tempo e espaço, tem a ver com a identidade de Parnaíba. Seu pioneirismo, a diferenciava das demais cidades do estado e repercutia na memória urbana, elucidando tanto sua tradição quanto importância para o Piauí.

Percebemos que a afeição ao passado seja algo que esteja atrelado apenas ao centro. Ali, Parnaíba conheceu os primeiros passos enquanto vila criada em 1759, elevada posteriormente à cidade em 1844. Na avenida Presidente Vargas¹⁷, principal artéria do centro, localizam-se os prédios oriundos do passado. Ainda no centro, o coração de Parnaíba durante décadas foi a Praça da Graça, lugar de sociabilidades, missas, namoros, divertimento e moradia da elite¹⁸.

A maioria dos estudos históricos locais, quando dissertam sobre Parnaíba, costumam levar em consideração somente o centro, silenciando outros arrabaldes do município¹⁹.

¹³ Parnaíba outrora cidade-progresso hoje é cidade rebelde In *Folha do Litoral*. 08 de set. 1973, p. 1.

¹⁴ Editorial. Voltamos à era do “jerico” In: *Folha do Litoral*. 24 de mar. 1976, p. 1.

¹⁵ CERQUEIRA, Maria Dalva Fontenele. *Entre trilhos e dormentes: a estrada de ferro central do Piauí na história e na memória dos parnaibanos (1960-1980)*. Dissertação de mestrado em História. Teresina: UFPI, 2015, p. 73.

¹⁶ PESAVENTO, op. cit., p. 17.

¹⁷ Inicialmente chamada de Rua Grande, seu nome foi mudado para João Pessoa e posteriormente, Getúlio Vargas, homenagem feita ao presidente devido sua visita à Parnaíba e estadia em uma casa localizada na referida rua.

¹⁸ Os periódicos em sua maioria ilustram o centro como lugar de comércio. Contudo, existem algumas edições afirmando que esse era local de moradia e também de indústrias. Conf. Continua o Dilúvio In: *Norte do Piauí*. 27 de abr. 1974, p. 1.

¹⁹ Como existe uma historiografia considerável sobre Parnaíba, ficaria inviável citar todos os trabalhos (artigos, dissertações e teses) sobre o município. Selecionamos assim, um livro publicado e lançado em agosto de 2015, na semana do aniversário de Parnaíba. Dos nove artigos escritos por professores e ex-alunos da UFPI, UESPI e FID apenas um se debruçou sobre o que o autor chama de beira, um lugar a margem do centro da cidade. Conf. MORAIS, Erasmo Carlos Amorim. Nas encostas do rio: uma proposta de estudo sobre a cidade na

Deve-se entender que as cidades são espaços diferenciados alocados a um território, para Pesavento, “muitas cidades convivem em uma mesma cidade”²⁰. Quando se “lembra” de um território, “se esquece” de outros.

Deste modo, visamos entender uma Parnaíba pouco estudada pela historiografia local. Seguindo nossas intenções, repartimos – neste texto – de forma geral, o espaço parnaibano dos anos 1970 e 1980 em dois: Parnaíba continental e Parnaíba insular. Esta delimitação acentua dois torrões separados pelo rio que banha a cidade, o Igaráçu.

Fazemos esta divisão entre Parnaíba, chamando aqui de continental e insular pois, o tratamento que os periódicos davam a estes lugares, aponta para uma relação de poder. Nas terras do continente, situava-se a sede do município e o centro da cidade: local de trocas comerciais, serviços e sociabilidades. A “cidade” era marcada pelo pioneirismo, pela urbanidade e pelo comércio, uma de suas atividades históricas.

No outro lado do Igaráçu, fica uma das 75 ilhas que compõem o Delta do Rio Parnaíba²¹, seu nome, Ilha Grande de Santa Isabel. Neste acidente geográfico pertencente à Parnaíba²², havia vários povoados insulares²³ formados por “vendedores de agricultores lenha, carvão, ovos, camarão, feijão verde, galinha, maxixe, quiabo”²⁴, enfim, uma gama de trabalhadores pobres que usavam os recursos naturais para sobreviver.

Chamada nos periódicos de “celeiro de Parnaíba”²⁵, Ilha Grande de Santa Isabel possuía vários povoados e era moradia de pessoas pobres que com sua labuta e produtos traziam “até nós [citadinos], o produto do seu trabalho”²⁶. Por serem vários lugarejos, cada um com suas particularidades e também pela proposta de trabalho, selecionamos o “povoado” ou a “vila de pescadores” de Pedra do Sal.

Única praia do município de Parnaíba, Pedra do Sal dista cerca de 18 km do centro da cidade. Até o começo dos anos 1970, só era possível chegar a ela, usando cavalos, burros

perspectiva do cotidiano e da pobreza parnaibana nos anos 1940-1960 In LIMA, Frederico Osanan Amorim e CAVALCANTE JÚNIOR, Idelmar Gomes. *Parnaíba: ver, sentir, dizer*. Parnaíba: Siearte; Teresina: Edufpi, 2015.

²⁰ PESAVENTO, op. cit., p. 18.

²¹ A foz do Rio Parnaíba ao chegar no Atlântico forma um delta com cerca de 75 ilhas e ilhotas, rico ecossistema localizado entre o Piauí e o Maranhão. Além do Delta do Parnaíba, existem mais três em mar aberto no mundo, são eles Delta do Nilo, na África e Delta do Mekong na Ásia.

²² Até o ano de 1993 toda a insula pertencia à Parnaíba, neste mesmo ano houve um plebiscito resultado na divisão da ilha entre Parnaíba e um novo município autônomo, Ilha Grande do Piauí.

²³ Chamamos de comunidades insulares ou povoados insulares todos os pequenos núcleos populacionais localizados na Parnaíba insular, isto é, na Ilha Grande de Santa Isabel. Eram comunidades ou povoados Pedra do Sal, Morros da Mariana, Canto do Igarapé, Cal, Tatus dentre outros. Sobre isso, conferir. OLIVEIRA, Pedro Vagner Silva. Cidades visíveis, sujeitos invisíveis: pescadores em Parnaíba nas décadas de 1970 e 1980 In: *Anais do XIII Encontro Nacional de História Oral: História oral, Práticas Educacionais e Interdisciplinares*. Porto Alegre: UFRGS. 2016, p. 3. Disponível em http://www.encontro2016.historiaoral.org.br/resources/anais/13/1461873793_ARQUIVO_Cidadesvisiveis-versaofinal-encontro-de-historia-oral.pdf.

²⁴ H. Maranhão. Fofocalizando In *Folha do Litoral*. 22 de out. 1975, p. 4.

²⁵ A ponte In *Folha do Litoral*. 24 de out. 1973, p. 1.

²⁶ Idem.

ou mesmo, a pé. Devido à inexistência de estradas ligando a cidade à praia, quem fosse veranear em Pedra do Sal, teria que se aventurar numa desgastante marcha feita em caminhos de areia fofa, as chamadas localmente, “varedas”.

Se para os parnaibanos que moravam no continente, caminhar ou ir à praia em lombos de animais poderia não ser tão aprazível, menos agradável ainda era para os pescadores e suas famílias, que se deslocavam com maior frequência para o centro. No editorial de 24 de outubro de 1973, o *Folha do Litoral*, falava sobre a futura ponte que ligaria continente à ilha. O texto frisava a importância dos trabalhadores da outra margem do Igarçu e das relações que a cidade tinha com a insula: “é ali na outra margem do rio, que está o celeiro de nossa terra. É de lá que vem grande parte do arroz, da verdura, do peixe, enfim, de tudo que consumimos”²⁷. Sob o sol ou luar, pescadores iam à “cidade” vender os peixes oriundos de sua labuta no mar.

Veranear em Pedra do Sal e vender o peixe em Parnaíba, eram práticas feitas há algum tempo. As edições dos jornais²⁸ apontam que era costume de parte da sociedade parnaibana que morava no continente ir a esta praia desfrutar da calmaria do lugar, de seu mar e dos ventos litorâneos. Já o pescador, ia à cidade por necessidade.

Daniel Braga, ao estudar outro povoado da mesma ilha na qual Pedra do Sal se localiza, afirmou que “a cultura de uma comunidade, por mais isolada que seja, como é o caso dos povoados, não é autônoma, pois mantém relações, de alguma maneira, com a cidade e o mercado”²⁹. Historicamente havia entre esses locais, dependência, tanto econômica, quanto social e mesmo cultural.

Percebe-se a comunicação de pessoas e as relações de dependência a partir dos periódicos do tempo em questão e mesmo quando isolados pelo imaginário citadino, eram de alguma forma ligados à cidade. A única praia de Parnaíba recebia tratamento dúbio segregada/próxima da “Princesa do Igarçu”³⁰.

Pedra do Sal está situada em uma insula e até a primeira metade dos anos 1970, era segregada do espaço citadino; sua única ligação se dava por canoas que cruzavam o Igarçu³¹. A segregação física veio a ser minimizada no início deste decênio. Nesse período, Parnaíba e Ilha Grande de Santa Isabel foram ligadas também por terra.

Dado o contexto de efervescência do turismo, este que segundo Carlos Rerisson Costa “traz consigo dinâmicas características da modernidade, embaladas na busca pelo

²⁷ Idem.

²⁸ Cf. Aviso In *Folha do Litoral*. 04 de jan. 1973, p. 2.

²⁹ BRAGA, Daniel Souza. *Corp-oralidades: experiência corporal e memória de trabalhadores dos rios e dos mangues no povoado dos Morros da Mariana/Pi (1970-1980)*. Dissertação de mestrado em História. Teresina: UFPI. 2016, p. 71.

³⁰ Cognome dado à Parnaíba.

³¹ H. Maranhão. Fofocalizando In *Folha do Litoral*. 19 de mai. 1973, p. 5

novo, num eterno *vir-a-ser*, o que incide diretamente sobre a produção do espaço, que agora um espaço produzido pelo e para o consumo³², a então vila de pescadores foi transformada em um exótico ponto turístico.

Era o tempo do “Piauí novo”, da criação de um estado mais moderno que acordava para o progresso, parceiro inseparável do novo³³ e alinhado à ideia de “Brasil Grande”. Devido algumas “melhorias”, as distâncias foram diminuídas e os deslocamentos entre Ilha e Parnaíba foram facilitados. As distâncias físicas foram encurtadas e o tempo da jornada até a praia, diminuído, todavia, a distância imaginária, permaneceu.

2. Imprensa, paisagem e Pedra do Sal

Por qual razão a imprensa de Parnaíba pouco abordava sobre os pescadores e seus problemas sociais e mais sobre a praia? Heloisa Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto lembram aos historiadores quando forem utilizar os periódicos que “não adianta simplesmente apontar que a imprensa e as mídias ‘tem uma opinião’, mas que em sua atuação delimitam espaços, demarcam temas, mobilizam opiniões, constituem adesões e consensos³⁴”.

A partir disso, pode-se compreender os motivos da natureza ter sido um dos temas apresentados nas páginas dos periódicos de Parnaíba entre 1973 e 1985. Não houve uma valorização, no sentido de preservar a natureza, mas sim de explorá-la, de fazer uso da paisagem. Natureza não é apenas materialidade, mas também segundo Henry Woster, “uma criação das nossas mentes³⁵”.

É verdade que ela existe independente do homem. Entretanto, as sociedades em tempos distintos compreendem a natureza de várias formas, interpretando-a e explorando-a de maneira diversas. A natureza portanto, embora possua concretude, é passível de interpretação humana; cada grupo social lhe denota e confere sentidos.

No período estudado, a julgar pela leitura dos periódicos parnaibanos, a praia em questão, era entendida como espaço de lazer³⁶. Daniel da Rocha Ramos explicou que “o desejo pelas praias foi importante mote para o desenvolvimento do turismo enquanto

³² COSTA, Carlos Rerisson Rocha da. Turismo, produção e consumo do espaço litorâneo In *Geografia em questão*(Online). Vol. 05, n. 1, 2012, p. 148.

³³ FONTINELES, Claudia Cristina da Silva. *O recinto do elogio da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí*. Tese de doutorado em História. Recife: UFPE, 2009, p. 150.

³⁴ CRUZ, Heloisa; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, nº 35, dez. 2007, p. 258.

³⁵ WORSTER, Donald. *Para fazer História Ambiental*, tradução de José Augusto Drummond. Estudos Históricos, Rio de Janeiro. Vol.4, n. 8, 1991, p. 210.

³⁶ Nem sempre as praias foram “vistas” com os mesmos olhos, entendidas como lugares de lazer. Cf. CORBIN, Alain. *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 64.

atividade econômica indutora e produtora dos territórios à beira-mar”³⁷. Neste sentido, a paisagem praiana passou a ser explorada com o fito de trazer um novo período de progresso para Parnaíba.

De 1971 a 1975, esteve à frente do executivo estadual piauiense, o engenheiro Alberto Tavares Silva. Nestes anos, o Brasil se embriagava com seu crescimento econômico e com as obras faraônicas construídas que contrastavam com os “anos de chumbo”. Em meio à forte truculência e repressão vivenciada no país, neste mesmo período estavam-se “descortinando horizontes”³⁸. No Piauí, Alberto Silva foi indicado para o cargo de governador pelo então presidente Ernesto Garrastazu Médici, o engenheiro “assumiu o cargo com o compromisso de elevar a autoestima abalada do piauiense, ridicularizado constantemente na imprensa nacional”³⁹. A capital piauiense era o principal alvo de Silva. As mudanças urbanísticas e seu embelezamento seriam as provas de um Piauí que emergia - sua capital era a “vitrine da modernização nas décadas de 70 e 80”⁴⁰.

Teresina passava por remodelações promovidas pelo governador e pelo prefeito da época, Joel Ribeiro. Parnaíba por sua vez, recebia um importante projeto de Alberto Silva: o turismo. Numa entrevista à Rádio Educadora de Parnaíba, em 1973 o na época governador do Piauí, enumerava seus feitos nos primeiros anos de mandato e as perspectivas vislumbradas ao Piauí e Parnaíba.

Em visita à Parnaíba, o governador declarou para a citada rádio que uma estrada estava sendo construída e que um dos pontos de sua agenda política era “transformar [a praia da Pedra do Sal] em uma atração turística”⁴¹. A partir disso, observa-se as intenções políticas para a vila de pescadores.

Outra intervenção do governador em sua cidade natal foi a ponte Simplício Dias. Em conjunto, a ponte e a estrada, propiciaram a exploração da praia. Esta primeira obra que “incorporou à vida de Parnaíba cerca de 15000 habitantes da Ilha Grande de Santa Isabel”⁴², era a mesma que funcionaria como “porta aberta para a Pedra do Sal, a mais bonita praia do Piauí, que bem explorada pelo órgão especializado – a PIEMTUR – breve se tornará em inigualável fonte de renda para nosso município”⁴³.

³⁷ RAMOS, Daniel da Rocha. *A invenção da praia e a produção do espaço: dinâmicas de uso e ocupação do litoral do ES*. Dissertação de mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Vitória: UFES, 2009, p. 14.

³⁸ REIS, Daniel Aarão. *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 61.

³⁹ NEGREIROS, Valério Rosa de. *Por uma cultura integrada: Noé Mendes de Oliveira e a piauiensidade nas décadas de 1970 e 1980*. Dissertação de mestrado em História Social. Niterói: UFF, 2016, p. 24.

⁴⁰ FONTINELES, op. cit., p. 20.

⁴¹ O Governador do Estado concede palpitante entrevista à Rádio Educadora In: *Folha do Litoral*. 14 de mar. 1973, p.1.

⁴² Vamos construir? In: *Folha do Litoral*. 23 de ago. 1973, p. 1.

⁴³ Editorial. A Ponte In: *Folha do Litoral*. 24 de out. 1973, p. 1.

Neste período histórico, o turismo era entendido como atividade desenvolvimentista e de acordo com Leila Bianchi Aguiar, “foi associado à melhoria das condições de vida das populações por ele afetadas”⁴⁴. Emergindo e ganhando força no Brasil na década de 1970, segundo Hernan Venegas Marcelo, “o turismo foi favorecido por uma ideologia de moda nos anos sessenta cujos principais representantes foram o Banco Mundial (BM) e a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico”⁴⁵.

Desta feita, o turismo brasileiro é compreendido enquanto reflexo de um processo internacional. A praia era umas das grandes atrações da chamada, “indústria sem chaminés”. No cenário piauiense, mais precisamente parnaibano, observa-se tal interesse a partir da documentação pesquisada. Os periódicos parnaibanos do começo da década de 1970 e mesmo da seguinte, se não possuíam o discurso homogêneo sobre o turismo e seu desenvolvimento local, pois, percebemos clivagens, ao menos possuíam uma concepção homogênea.

Como já fora dito, parte da sociedade parnaibana desde o começo do século XX⁴⁶ fazia vilegiatura⁴⁷ em Pedra do Sal. Cidadinos iam a esta praia nos meses de férias. Ao longo do tempo histórico, a atividade foi se reelaborando. Talvez, os primeiros anos da década de 1970, são o marco da alteração da atividade. A partir daí, as vilegiaturas deram lugar ao turismo.

Dentre as modificações, elencamos a estruturação da praia a partir da intervenção da municipalidade e o aparecimento de serviços: bares para atender os visitantes, água encanada e energia elétrica. As edições de 1973 do *Folha do Litoral* traziam um sugestivo aviso: “na mais linda praia do Nordeste a encantadora PEDRA DO SAL, foi inaugurado o aprazível VELEIRO BAR”⁴⁸. O recado aponta não só para o agenciamento do bar que convidava os leitores do *Folha do Litoral* a irem àquele recinto, mas também para conhecerem a praia que ainda não tinha a ponte, mas possuía estrada, “chamada popularmente de estrada do Turismo”⁴⁹ e ônibus que faziam linhas para o lugar⁵⁰.

O bar, construído na “vila de pescadores” era apenas uma das muitas alterações nas relações que a cidade apresentava com a praia. A década de 1970 é marcada por uma

⁴⁴ AGUIAR, Leila Bianchi. *Estado, turismo, cultura e desenvolvimento: organização empresarial e a construção do consenso sobre a importância do turismo para o Brasil (1966-1988)*, p.9

⁴⁵ VENEGAS MARCELO, Hernán. *Patrimônio cultural e turístico no Brasil em perspectiva histórica: encontros e desencontros na cidade de Paraty*. Tese de doutorado em História. Niterói: UFF, 2011, p. 76.

⁴⁶ Cf. CAMPOS, Humberto de. Pedra do Sal In *Memórias inacabadas*. São Luís: Instituto Geia, 2009, p. 108.

⁴⁷ Vilegiatura é o ato de deslocar-se da cidade para um lugar distante, montanha, mar, campo, a fim de entrar em contato com a natureza.

⁴⁸ Grifos no original. Aviso In *Folha do Litoral*. 04 de jan. 1973, p. 2.

⁴⁹ Estrada para Pedra do Sal In *Folha do Litoral*. 25 de dez. 1982, p. 7.

⁵⁰ Segundo o aviso, os ônibus partiriam para à praia das 07:00 às 10:00, retornando a partir das 13:00 até as 16:00 horas. Idem.

série de alterações no município de Parnaíba, dentre elas, talvez a mais importante foi a ponte Simplício Dias da Silva, construída em 1975.

No prazo de dez a quinze anos, Pedra do Sal que era isolada do centro da cidade, foi “integrada”. A “cidade” considerou a este lugar, escola para as crianças⁵¹, energia elétrica⁵², água encanada e uma estrada pavimentada⁵³. As políticas públicas afirmadas pelo Estado na região, possuíam intenções que não somente proporcionar melhor qualidade de vida aos praianos. Mas quais seriam? Para Rachel Rolnik, “a intervenção do Estado na cidade é, portanto, contraditória: sua ação pode favorecer mais ou menos certos segmentos da sociedade urbana – mas nunca definitivamente”⁵⁴.

As transformações objetivavam urbanizar Pedra do Sal, uma vez que a praia era vista como “mercadoria” a ser consumida e só a natureza não bastava. Um editorial do *A Libertação* de 1983 reclamava ser “necessário e indispensável que nossa linda praia receba um tratamento turístico adequado com um mínimo de urbanização”⁵⁵. A imprensa chamava atenção para a intervenção do poder público a fim de urbanizar a praia, assim, estaria garantida a sua exploração. Um ano antes, o *Folha do Litoral*, assim como outros periódicos fizeram, afirmava que “Pedra do Sal, é a entrada de Parnaíba pelo mar”⁵⁶. O reclame assinalava a importância turística desta para Parnaíba.

3. “Integrar” é preciso

Na ditadura civil-militar, as estradas eram sinônimos de integração e desenvolvimento. Para Maria da Glória Lanci da Silva, durante “os anos 70 os investimentos federais na infra-estrutura de transportes, principalmente com a construção das grandes rodovias, estimularam os negócios no setor”⁵⁷. Rodovias e estradas cortaram o Brasil naqueles anos, o asfalto e o carro de passeio também foram mais difundidos. No Piauí não foi diferente: rodovias e estradas, que neste período⁵⁸ rasgavam o estado, eram retratadas na imprensa como um dos sustentáculos primordiais para o turismo⁵⁹ e os jornais noticiavam “a movimentação de veículos circulantes em nossa área”⁶⁰ litorânea.

⁵¹ Batista Silva despede-se de seus munícipes In: *Norte do Piauí*. 08 de fev. 1983, p. 2.

⁵² Realizações da CEPISA em Parnaíba e Luís Correia – gestão Engenheiro Carlos Sobral In: *A Libertação*. 15 de set. 1984, p. 5.

⁵³ Batista Leão. Flagrantes In: *Folha do Litoral*. 07 de fev. 1973, p.6.

⁵⁴ ROLNIK. Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 71.

⁵⁵ Editorial. Turismo In *A Libertação*. 26 de jul. 1983, p. 4.

⁵⁶ *Folha do Litoral*. 03 de mar. 1982, p.3.

⁵⁷ SILVA, Maria da Glória Lanci da. *Cidades Turísticas: identidades e cenários de lazer*. São Paulo: Aleph, 2004, p. 20

⁵⁸ Estradas In: *Folha do Litoral*. 21 de fev. 1973, p. 2.

⁵⁹ Estrada da Pedra do Sal serviço acelerado In: *Norte do Piauí*. 29 de jun. 1978, p. 1.

⁶⁰ *Folha do Litoral*, op. cit., 21 de fev. 1973, p. 2.

Em 1975, a ponte Simplício Dias e a estrada que ligava Parnaíba aos Morros da Mariana (sede da Ilha Grande) e à Pedra do Sal, serviu para melhor escoar os produtos agrícolas e pesqueiros para a cidade. A partir da análise sobre os jornais do período, observa-se que as obras não tinham apenas essa intenção. “Integrar”, palavra usada em uma das matérias, mostra as possibilidades da construção.

Não resta a menor dúvida de que a ponte construída sobre o rio Igarazu é uma obra de utilidade pública que vem servindo aos habitantes de Parnaíba, aos moradores da Ilha Grande de Santa Isabel e todos aqueles que, em função turística, procuram a famosa Pedra do Sal para realizar, naquela bonita praia, temporadas balneárias⁶¹.

R. Ferraz Filho aborda nesse artigo, o emprego da edificação. Observa-se que o autor trata dos territórios – Parnaíba e Ilha Grande de Santa Isabel – como diferentes, sem ligação territorial. Dado o contexto de efervescência do turismo e de sua imagem enquanto geradora de capital, é provável que a ponte e a estrada possuísem como objetivo, favorecer não somente o curso diário dos trabalhadores insulares ao centro da cidade, mas possibilitar o fluxo de turistas para a ilha.

A partir dos periódicos, percebeu-se que a referida praia ao que parece, possuía imagem positiva, ao menos no tocante a sua paisagem natural. Nas matérias encontradas que falavam sobre Pedra do Sal, optamos por transcrever outra publicação de R. Ferraz Filho no *Folha do Litoral*, pela sua apologia à paisagem do lugar.

É considerado como parte do terceiro plano Turístico do Norte, a bela e encantadora [...] Pedra do Sal. [...] Quem conhece a Pedra do Sal, tem a magnífica ideia de que a natureza proporcionou a aludida praia, tudo que se fazia necessário para a formação de encantos e rara beleza, que podemos dizer que tem todos os caracteres de cortinas que ornamenta grande parte do NOSSO litoral e desperta pela sua rara beleza, curiosidades e admiração a todos aqueles que dela se aproximam, para contemplarem dali de cima das lindas pedras que localizadas as margens do litoral piauiense, trazem aos seus visitantes, saudades e recordações⁶².

O texto de Ferraz Filho indica duas intenções. A primeira, - a qual suprimimos em parte - galgar melhorias na infraestrutura, tais como a pavimentação da estrada deteriorada em 1976 e o “transporte rodoviário para proporcionar aos turistas, meios para atendimento de seus desejos, que são, sem dúvida, de conhecerem a mais bela praia do norte brasileiro”⁶³. Destarte, uma das intenções do jornalista é chamar a atenção das autoridades públicas e dos leitores.

⁶¹ R. Ferraz Filho. Ponte sobre o Igarazu In: *Folha do Litoral*. 20 de mai. 1976, p. 4.

⁶² Grifo nosso. R. Ferraz Filho. Pedra do Sal In: *Folha do Litoral*. 25 de set. 1976, p. 3.

⁶³ Idem.

A segunda intenção de Ferraz Filho, possivelmente era fazer os parnaibanos se apoderarem de seu patrimônio natural. O assenhoreamento da praia parece ter sido algo comum na imprensa local analisada. A valorização da paisagem nestes periódicos, motivava-se pelo interesse econômico, mais precisamente acerca da praia, entendida como sinônimo de turismo. Os adjetivos empregados nas descrições dos elementos do “quadro” pintado por Ferraz Filho, podem ser compreendidos como recursos que causavam sensações aos leitores.

O tratamento dúbio que a imprensa tinha em relação à ponte se prolongou na década de 1980. Dentre os textos deste decênio, é interessante a descrição de Olavo Lima, ex-secretário municipal de turismo na gestão de João Batista Ferreira da Silva (1977-1982). Publicado em 1983 no jornal *A Libertação*, sob o título “TURISMO”, a ponte Simplício Dias aparecia com as funções: integrar e separar Parnaíba de sua praia.

Segundo o texto, Pedra do Sal, “está localizada a 18 km da cidade de Parnaíba no litoral atlântico da Ilha fluvial de Santa Isabel. Para alcançá-la atravessa-se o Rio Igarçu, no Porto Salgado em majestosa ponte de concreto armado⁶⁴. O artigo de Lima, localizava a praia e ilustrava parte do trajeto que deveria ser feito.

Ao mostrar que Pedra do Sal fica em outro território, separada de Parnaíba por uma corrente fluvial e que uma ponte liga as duas regiões, é criado um distanciamento imaginário das áreas praianas e central. N’um esforço de tornar a praia um lugar atrativo, o autor se utilizou do rio que separa materialmente os dois territórios da cidade, para criar também uma imagem mental de divisão.

A separação que o autor enfatiza, é também um recurso que teria efeito benéfico para a exploração da paisagem insular. Segundo Silva, “a produção da paisagem turística envolve, de um lado, os meios de comunicação que veiculam as imagens e descrições dos lugares; de outro, a construção de cenários de lazer pelas intervenções urbanísticas e através da arquitetura”⁶⁵.

Os turistas e mesmo parnaibanos moradores do continente que lesem o texto de Olavo Lima no *Libertação* eram incitados a fazer uma aventura a qual para se chegar à praia, deveria se dirigir para uma ilha pertencente à “cidade”. Desta feita, haveria uma relação dupla de separação/integração da ilha e, por conseguinte da praia com a cidade.

A ilha como domínio da cidade tornou-se um lugar charmoso e convidativo. Separada do continente e cercada por água, as insulas “são marcadas pelos extremos”⁶⁶: recantos de paz por um lado, espaços de privações por outro. A ilha que abriga Pedra do

⁶⁴ Turismo In *A Libertação*. 14 de maio. 1983, p. 4.

⁶⁵ SILVA, op. cit., p. 27.

⁶⁶ DIEGUES, Antônio Carlos. *Ilhas e mares: simbolismo e imaginário*. São Paulo: Hucitec, 1998, p. 108.

Sal, com o advento do turismo recebeu valorização de suas paisagens e a praia era um dos pontos pitorescos da paisagem insular.

Na forja desta imagem, os pescadores que moravam em Pedra do Sal não eram descritos, sendo sujeitos “invisibilizados”. Para Capelato, “cabe ao historiador fazer reviver personagens e episódios do passado, procurando entendê-los na sua época, ou seja, captando as transformações dos homens no tempo”⁶⁷. Por qual razão os pescadores não apareciam nos textos que apresentavam Pedra do Sal? Supomos que quem escrevia aos jornais tinha por objetivo vender aos seus leitores a praia como lugar de descanso e lazer. O pescador, pela simplicidade da moradia e de alguns dos seus hábitos⁶⁸, poderia comprometer a imagem que os periódicos estavam construindo em suas páginas.

Com o advento do turismo na região, as funções das comunidades insulares se resignificaram. O que antes eram comunidades formadas por pescadores e indivíduos que se utilizavam dos solos, rios, mangues e mar para sobreviverem - foram sendo entendidas também, a partir deste momento, como “pontos turísticos”. A imagem destas pessoas não se modificou necessariamente na imprensa.

O *Jornal Inovação* apresentava, em algumas de suas edições, as contradições sociais de Ilha Grande de Santa Isabel. Em 1979, Reginaldo da Costa em artigo publicado no referido jornal, explicitou a ineficácia da indústria do turismo no litoral piauiense: “neste empobrecido Estado [...] do outro lado da ponte Simplício Dias da Silva, onde a imagem de um ‘Piauí novo’ não funciona, querem transformar um povoado em celeiro turístico às custas da miséria popular. Trata-se da Pedra do Sal”⁶⁹.

Mais uma vez a ponte figura como limes entre Parnaíba: o “outro lado” foi caracterizado pelo pauperismo dos habitantes dos povoados e de sua miséria social. Ainda que o turismo estivesse naquela época trazendo “nova” imagem à “outra Parnaíba”, território de belas paisagens - permanecia o elemento humano e suas más condições. As críticas prosseguiram em futuros artigos de parte da imprensa. Em outubro de 1979, o *Jornal Inovação* publicou:

É fabulosa a obra que estão construindo na ilha Grande de Santa Izabel: Trata-se da estrada Morros da Mariana – Pedra do Sal. Pois bem: não somos contra um anseio do povo dos Morros, achamos ignorância e falta de visão daquilo que

⁶⁷ CAPELATO, Maria Helena. A imprensa como fonte e o objeto de estudo para o historiador In: VILLAÇA, Mariana; PRADO, Maria Ligia Coelho (orgs). *História das Américas: fontes e abordagens historiográficas*. Humanitas, São Paulo, 2015, p. 115.

⁶⁸ Cf. Sólina Genuína. Parnaíba: cidade que proporciona boas opções turísticas In *Jornal Inovação*. ?? de fev/abr. 1982, p. 9.

⁶⁹ Reginaldo Costa. Crianças da Pedra do Sal clamam por escola. Reinvidicação In: *Jornal Inovação*. ?? de mai. 1979, p. 17.

realmente significa um feito que venha beneficiar as comunidades as comunidades mais carentes⁷⁰.

Acreditando ser uma obra que não atendia as demandas destas comunidades, mas a de políticos, os escritores do *Jornal Inovação* em editorial saído em dezembro do mesmo ano, criticavam uma vez mais a construção dessa estrada.

Parnaíba está construindo uma estrada que liga Morros da Mariana a Pedra do Sal. Ora, esta estrada é supérflua, pois não tem nenhum cunho socio-econômico, além de essa ligação já ser feita através do entroncamento com a estrada Parnaíba – Pedra do Sal [...] é uma burrada e dinheiro gasto desnecessariamente⁷¹.

A construção da estrada Morros da Mariana/Pedra do Sal, somente faria com que os visitantes conhecessem e desfrutassem de ambos os lugares. O editorial alertava sobre a irrelevância da obra – já que pouco atendia as populações locais- e acerca dos reais interesses de seus empreendedores.

Nos textos hemerográficos, percebeu-se uma sensível mudança na concepção da imprensa ao tratarem do povoados insulares, em especial Pedra do Sal. Costa explicou que “o espaço também é apropriado pelo capital, transformando em mercadoria. Também não se trata aqui de mercadoria qualquer, mas sim de um grande valor”⁷². Os artigos dos jornais apontam para esta lógica de (re)construção de um lugar da cidade.

Pedra do Sal pertencia, mas não era Parnaíba propriamente dita, “a bela praia da Pedra do Sal, é a entrada de Parnaíba pelo mar, já que Luiz Correia é outro município”⁷³. Neste trecho, chamou atenção o trato que o autor deu acerca da posse de Parnaíba sobre a Pedra do Sal. O controle da cidade neste período sobre o mar, representava desenvolvimento.

Percebe-se que o projeto político encabeçado por Alberto Silva no começo dos anos 1970 de utilizar o turismo como forma de propiciar desenvolvimento, foi adotado pela imprensa local – ainda que passivo de críticas por causa das ineficácias - e compreendido como oportunidade de retomar o crescimento parnaibano.

Entretanto, observamos pelas citações do *Jornal Inovação* que o turismo piauiense apresentava problemas. O *Inovação* e não somente este jornal, mas também outros, como, o *Norte* e mesmo as edições do *Folha do Litoral* datadas entre 1974 e 1976 atestam que o turismo no Piauí tinha rugas pela falta de infraestrutura; carência na comodidade para oferecer aos visitantes e pouca ou nenhuma promoção de seus pontos turísticos.

⁷⁰ Canto do Igarapé. A marretada é nossa In *Jornal Inovação*. ?? de out. 1979, p. 20.

⁷¹ Estrada Particular. Lances In *Jornal Inovação*. ?? de dez. 1979, p. 4.

⁷² COSTA, op. cit., p. 153.

⁷³ *Folha do Litoral*. 03 de mar. 1982, p. 3.

Apesar das rugas sentidas já na primeira metade⁷⁴ da década de 1970, ainda na primeira de 1980, o turismo continuava a ser visto como possibilidade de tirar Parnaíba de sua “letargia” econômica. O *Libertação* em uma de suas edições de 1985 afirmou: “desnecessário dizer-se que o Turismo é o que há de mais importante para o litoral piauiense. Se não conseguimos salvar as existentes, passemos, pelo menos, a desenvolver a chamada INDÚSTRIA SEM CHAMINÉ, que é o TURISMO”⁷⁵. As demandas do presente deveriam ser sanadas, aproveitando dessa forma a oportunidade que a “indústria sem chaminés” traria para construir o futuro espelhado pela cidade que Parnaíba fora outrora.

Considerações finais:

Diante do exposto podemos fazer algumas conclusões: a imprensa silenciava-se no tocante ao cotidiano e trabalho da vila pesqueira, provavelmente pelos interesses dos redatores e jornalistas; por outro lado, a praia aparecia com maior frequência pelos interesses econômicos do período. A paisagem praiana era entendida, entre os anos 1973 e 1985, em Parnaíba, como alternativa para tirar o município de sua “letargia”. Transformar Pedra do Sal em ponto turístico, poderia em tese, fazer a cidade se desenvolver novamente.

A concepção de praia e turismo, enquanto fonte de desenvolvimento, foi uma voz bradada no começo dos anos 1970 e ecoada – inclusive – até o final da década seguinte. A exemplo disso, um editorial do *A Libertação*, manifestava, “praia é Turismo [...] o verdadeiro Turismo se faz no mar”⁷⁶. Catorze anos depois da entrevista de Alberto Silva, a qual o então governador afirmava que transformaria Pedra do Sal em ponto turístico e do turismo no Piauí apresentar falhas, sua concepção como promotora de desenvolvimento e retomada da economia parnaibana ainda era acreditada: “no terreno turístico, a nossa terra é o principal polo de lazer de nosso Estado”⁷⁷.

As cidades são campos de apropriação e disputa. Mesmo sendo um único lugar, Parnaíba no período pesquisado era imaginada e compreendida de maneira diversa, possuindo contradições sociais e mesmo imagens distintas em seu território. Observou-se a forma como a imprensa tratava diferentes partes da cidade de Parnaíba, no Piauí. Já a natureza, entre as décadas de 1970 e 1980, era compreendida de diversas formas: a praia para o pescador era seu lugar de trabalho, já para os cidadãos que escreviam aos jornais, era lócus de lazer.

⁷⁴ Porto do Piauí: de secular sonho à realidade In: *Norte do Piauí*. 12 de jan. 1973, p. 1.

⁷⁵ Grifos no original. Editorial. Turismo In: *A Libertação*. 09/10 de fev. 1985, p. 1

⁷⁶ Editorial. O novo presidente da PIEMTUR In: *A Libertação*. 21 de fev. 1987, p. 1.

⁷⁷ Editorial. Parnaíba! In *A Libertação*. 01 de ago. 1984, p. 1.

Enquanto alguns jornalistas formavam embates sobre a ineficácia do turismo, outros criavam para os leitores uma cidade que cresceria uma vez mais por meio de suas paisagens naturais ou mesmo elucidavam o mar e a praia. A maior parte da população deste espaço continuou sua vida pescando e vendendo o pescado, seja para os donos de bar em Pedra do Sal que os revendiam sob forma de pratos aos turistas, seja para a população de Parnaíba nos mercados da cidade.